

**OS DESAFIOS DO ENSINO DA MATEMÁTICA
NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
experiências em escolas do município
de Quinze de Novembro/RS**

**THE CHALLENGES OF TEACHING
MATHEMATICS IN RURAL EDUCATION:
experiences at schools in the municipality
of Quinze de Novembro/RS**

Júlia Wilke Spielmann¹
Cláudia Regina Costa Pacheco²

RESUMO: Considerando a necessidade de fortalecer a identidade da escola do campo, ancorada na realidade e na história do meio rural, buscamos compreender a escola em seu papel fundamental, ou seja, na possibilidade de mudanças de paradigmas sociais. As transições paradigmáticas não ocorrem pela ação exclusiva da escola, mas sem ela as transformações não acontecem de forma sustentável. O objetivo primeiro desta pesquisa foi analisar os desafios e as possibilidades do ensino de Matemática na Educação do Campo, buscando conhecer os problemas historicamente enfrentados pelos professores de Matemática em escolas do meio rural. Além disso, também se constituíram como metas para essa investigação compreender as dificuldades de ensinar Matemática na modalidade de Educação do Campo, observar e buscar alternativas para melhorar essa modalidade de educação. A escolha desse assunto deve-se à necessidade de um maior entendimento da realidade das escolas brasileiras no campo, que se apresentam das mais distintas formas. Encontramos desde escolas altamente equipadas com aparatos desenvolvidos pela mais moderna tecnologia, quadros eletrônicos e conectados à internet, até escolas de apenas um professor, atendendo crianças e adolescentes agrupados em uma mesma turma, sem equipamento e até mesmo sem energia elétrica. A pesquisa baseou-se num estudo de cunho bibliográfico; utilizamos, além de livros, questionários, entrevistas, imagens e visitas às escolas do campo, podendo assim ter mais contato com a realidade que essas escolas vivem. Existem muitas discussões sobre os vários métodos que o professor pode usar como suporte para motivar os alunos a aprender Matemática, principalmente quando é uma cultura totalmente diferente da sua, como na escola do campo. Podemos citar como uma das constatações da nossa pesquisa que a escola do meio rural precisa ser pensada como um todo, educadores, educandos, sociedade e políticas públicas unidas para conquistar esse grande passo a ser dado na Educação do Campo. Todos só têm a ganhar com toda essa luta. Poder fazer uma educação de qualidade no campo não é um favor, é uma obrigação.

Palavras-chave: Educação do Campo. Ensino de Matemática. Desafios. Possibilidades.

ABSTRACT: Considering the need to strengthen the identity of rural schools, anchored in the reality and the history of rural areas, we seek to understand school in its fundamental role, in other words in the possibility of changes of the social paradigms. The paradigmatic transitions do not occur solely by the action of the school,

¹ Professora – Licenciada em Matemática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Câmpus Ibirubá.

² Orientadora – Profª Drª do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Câmpus Ibirubá.

but without it the changes are not sustainable. The first objective of this research was to analyze the challenges and possibilities of teaching Mathematics in Rural Education, getting to know the problems historically encountered by mathematics teachers in schools in rural communities. Other goals of this investigation were to understand the difficulties of teaching mathematics in the form of Rural Education, to observe and seek alternatives to improve this type of education. This subject was chosen due to the need for a greater understanding of the reality of Brazilian schools in rural areas, which present themselves in the most distinct forms. We found from highly equipped schools with devices developed by the most modern technology, electronic boards and connected to the internet, all the way to schools with only one teacher, serving children and adolescents together in the same classroom, without equipment and even without electricity. The research was based on a bibliographic study. Besides books we used questionnaires, interviews, pictures and visits to the schools in the field, and were thus able to have more contact with their reality. There are many discussions about the various methods that teachers can use as support to motivate their students to learn Mathematics, especially when it is a totally different culture from theirs, as in the rural schools. One of the findings of our research was that rural schools need to be considered as a whole with educators, students, society and public policy working together to achieve this important step in Rural Education. Everybody stands to gain from this entire struggle. It is not a favor it is rather an obligation to provide quality education in rural areas.

Keywords: Rural Education. Teaching Mathematics. Challenges. Possibilities.

1 APRESENTAÇÃO

Partindo do pressuposto de que a escola tem papel fundamental na mudança de paradigmas sociais que se buscam construir, este artigo é resultado de todo um estudo feito para a composição do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Câmpus Ibirubá, abordando o ensino de Matemática na modalidade de Educação no Campo.

Através deste trabalho buscamos compreender os desafios e as possibilidades da Educação no Campo, historicamente vividos pelos sujeitos do meio rural. O estudo estruturou-se a partir das ações e reflexões nos estágios supervisionados no Curso de Licenciatura, que tinham como principal objetivo promover análises críticas sobre o processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Nesses estágios desenvolveram-se atividades relativas à observação, monitoria, planejamento e regência em aulas de Matemática em escola do campo.

A escolha desse assunto deve-se à necessidade de um maior entendimento da realidade das escolas brasileiras no meio rural, que se apresentam das mais distintas formas. Encontramos desde escolas altamente equipadas com aparatos desenvolvidos pela mais moderna tecnologia como quadros eletrônicos e conectados à internet, até escolas de apenas um professor, atendendo crianças e adolescentes agrupados em uma mesma turma, sem equipamento e até mesmo sem energia elétrica.

Para a escrita deste trabalho realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, com o objetivo de funda-

mentar as análises feitas. Realizamos um questionário na busca por um melhor entendimento da Educação do Campo no município de Quinze de Novembro/RS.

Para compreendermos a trajetória e a temática da Educação do Campo, perpassamos leis, decretos, pareceres, textos oficiais, documentos, produções científicas atualizadas e produções do e sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), buscando entender o posicionamento do Estado em relação às práticas educativas dos que trabalham e residem no meio rural brasileiro. A partir desse histórico procuramos demonstrar que a entrada na escola não pode representar uma ruptura com o processo anterior vivido pela criança em casa ou na instituição de educação, mas sim uma forma de dar continuidade às suas experiências anteriores para que elas gradativamente sistematizem os conhecimentos, sempre tendo na cultura os instrumentos para essa aprendizagem.

Defendendo uma escola que esteja de acordo com a realidade dos educandos, que não é simplesmente a cópia de modelos importados de outras escolas que não têm relação com o contexto vivenciado pelos alunos, a pesquisa apresentou como principal meta compreender quais os desafios e as possibilidades de construir um projeto que vincule a educação às questões sociais inerentes a cada espaço.

Almejamos o fortalecimento da identidade da escola do campo, que considere o sujeito social e a realidade histórica do meio rural. Ponderamos que o ensino nessa modalidade precisa levar em consideração os

saberes próprios dos estudantes, a memória coletiva das pessoas, os movimentos sociais sindicais que defendem projetos de qualidade social de vida coletiva.

Julgamos de extrema relevância para a formação docente, sobretudo acadêmica, poder aprofundar os conhecimentos sobre a modalidade de Educação do Campo, modalidade essa que vem sendo, muitas vezes, abandonada. Rever maneiras de conseguirmos melhorar a Educação do Campo, fazendo com que os filhos dessa terra não almejem deixar o campo e sim queiram continuar nesse espaço e prosseguir seus estudos pensando no futuro em melhorar a sua vida nesse meio.

Temos por objetivo geral analisar os desafios e as possibilidades da Educação do Campo e os problemas historicamente enfrentados pelos professores de Matemática na escola do campo. Buscar entender essas dificuldades, os porquês de tantos problemas e o que pode ser feito para mudar essa situação. Sabemos que faltam políticas públicas adequadas para a Educação do Campo, mas o que os educadores, mesmo sabendo dos problemas, poderão fazer em suas aulas de Matemática para que se tornem mais atrativas aos educandos? O primeiro passo que consideramos necessário ser dado é fazer com que essa educação que está abandonada tenha algum sentido na vida desse sujeito do campo.

Foram nossas metas pontuais: conhecer os problemas enfrentados historicamente na Educação do Campo, compreender as dificuldades de ensinar Matemática na escola do campo, onde o professor tem diversos obstáculos a serem enfrentados, observar e buscar alternativas para melhorar essa educação que está desamparada. Buscando alternativas para ensinar Matemática de uma forma diferente, em busca de mudanças significativas nesse cenário. Sabemos que, quando se fala em Educação do Campo, a palavra mudança significa um processo bem demorado, mas esperamos encontrar nessa pesquisa algumas possibilidades de pensar diferente essa realidade.

2 COMPREENDENDO O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DO CAMPO NA CONTEMPORANEIDADE

Entendendo a necessidade de reconhecer o objeto de estudo, neste momento faremos referência a alguns autores que pesquisaram nos últimos anos a temática da Educação e, sobretudo, da Educação do Campo. Nessas pesquisas foram abordadas as dificuldades enfrentadas pelos professores, alunos e toda a comunidade, bem como as mudanças que vêm ocorrendo na busca por uma educação de qualidade.

Foram selecionados trabalhos realizados no período de 2000 a 2014, considerando que esses trabalhos representam estudos que vêm sendo investigados atualmente no que tange ao assunto abordado neste trabalho de conclusão de curso.

No ano de 2000, Imbernón organizou o livro intitulado “A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato”, no qual foi pesquisado o questionamento de como será a educação na entrada do milênio, destacando as dificuldades enfrentadas por professores e alunos. Nessa obra, os autores buscaram formas de entender o que acontece frente às especificidades relativas aos processos curriculares, à veloz implantação da tecnologia, à exclusão social dos alunos, à educação ambiental, à educação política do cidadão e à igualdade de oportunidades.

Em 2006, Gelsa Knijnik e Fernanda Wanderer escreveram o artigo “A vida deles é uma Matemática”. As autoras pesquisaram os regimes de verdade sobre a Educação Matemática de adultos do campo, as necessidades de uma escola política e pedagogicamente vinculada à cultura, à história e às pessoas do meio rural. As autoras constataram em seu trabalho a necessidade de uma escola que leve para dentro da sala de aula questões do cotidiano. Ressaltaram o imperativo de trazer a vida do aluno para dentro da sala de aula, de mostrar ao aluno que a vida é uma Matemática. Para as pesquisadoras, faz-se necessário envolver a Matemática com outras disciplinas, buscando novas metas que despertem no aluno o interesse para estudar e aprender.

Ainda em 2006, Claudemiro Godoy do Nascimento escreveu o artigo “Educação e Cultura: as Escolas do Campo em Movimento”, no qual pesquisou os problemas da educação no meio rural depois da municipalização do Ensino Fundamental e alternativas que caminham na contramão da história. Nesse estudo, o autor buscou vincular a prática da Educação Básica do Campo com o processo de construção de um projeto popular de desenvolvimento. Para ele, é importante lutar para que todo o povo tenha acesso à alfabetização, formar educadoras e educadores do campo, produzir uma proposta de Educação Básica do campo, envolver as comunidades nesse processo, acreditar em nossa capacidade de produzir o novo e programar as propostas de ação dessa conferência. O autor ressalta a importância do envolvimento da comunidade no processo educativo.

No ano de 2007, Miguel Gonzalez Arroyo escreveu o artigo “Política de Formação de Educadores (as) do campo”. Pesquisou sobre a necessidade de cada vez

mais ter cursos de formação com o auxílio de Escolas Normais e Cursos de Pedagogia com o intuito de formar professores capacitados para atuar nas escolas do meio rural e com isso melhorar a Educação do Campo. Nesse trabalho, o autor aborda uma educação que não precisa ser diferenciada, mas que não pode esquecer a necessidade de uma Educação Básica e de qualidade para esses jovens e adultos que historicamente já sofreram com o preconceito e o esquecimento, bem como uma formação específica para esses professores.

Eduardo Sarquis Soares escreveu, em 2010, o livro “Ensinar Matemática: desafios e possibilidades”, onde ele faz uma reflexão sobre o ensino da Matemática. O autor enfatiza em seu texto a importância social dessa disciplina e a sua coexistência tanto no cotidiano como no âmbito acadêmico. Para o autor, a Matemática formal requer estratégias especiais na maneira de ensinar e, ao usar questões do dia a dia, torna-se mais fácil a sua compreensão.

Ainda em 2010, Erivan Hilário publicou o artigo “Educação do campo: semiárido, agroecologia, trabalho e projeto político pedagógico”. O pesquisador aborda a necessidade das escolas do campo, os trabalhadores rurais e seu direito a uma educação digna. Além disso, enfatiza a importância de um projeto político-pedagógico vinculado à Educação do Campo e à luta pela melhoria das escolas do meio rural, buscando uma melhor infraestrutura para tais escolas.

Já em 2011, Fabiano de Jesus Ferreira e Elias Canuto Brandão escreveram um artigo para a Revista Eletrônica de Educação com o título “Educação do Campo: um olhar histórico, uma realidade concreta com objetivo de entender a trajetória da educação do campo”, tendo como fundamentos norteadores leis, decretos e outros textos oficiais que subsidiam o entendimento e posicionamento do Estado em relação às práticas educativas para os que trabalham e residem no meio rural brasileiro.

Mônica Castagna Molina e Helana Célia de Abreu Freitas organizaram, em 2011, o artigo “Educação do Campo”, no qual pesquisaram na Educação do Campo uma oferta educacional que é muito precária, principalmente para o Ensino Fundamental nos anos finais e no Ensino Médio. Segundo elas, a precariedade das escolas rurais desmotiva os alunos.

Outro problema sério da Educação do Campo foi abordado pelas autoras em seu artigo que se refere ao abandono do campo, apresentando uma educação precária no campo, principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Tal cenário faz

com que os jovens abandonem o campo em busca de uma formação de qualidade.

O livro “O aprender a aprender na formação de professores do campo”, escrito por Cláudio Félix dos Santos no ano de 2013, aborda uma pesquisa sobre a precariedade da Educação do Campo em todo o país. Os dados apresentados são alarmantes, sobretudo no que se refere ao alto índice de analfabetos e aos poucos alunos matriculados no Ensino Médio. Além disso, o autor ressalta a formação de professores como um dos maiores problemas das políticas educacionais. Algumas conquistas foram alcançadas, como a criação da Licenciatura em Educação do Campo (LEC), por exemplo. Conquistas relativamente pequenas, mas cada batalha vencida é motivo para comemoração frente à precariedade das escolas.

Elisa Meirelles e Fernanda Salla numa reportagem para a Revista Nova Escola, em agosto de 2014, publicaram a pesquisa: “As Escolas e o MST”, no qual investigaram a dificuldade enfrentada para a implantação de escolas nos assentamentos, bem como a contratação de professores. As autoras verificaram que, mesmo depois de implantadas as escolas, as dificuldades continuavam, pois, quando a regularização de uma escola acontece, deve ser seguida uma série de regras da rede pública, como a contratação de professores através de concurso público, por exemplo. Esse fato leva muitos professores sem nenhuma experiência em escolas do campo a serem contratados para atuar nas escolas do meio rural.

Podemos ver que a situação da Educação do Campo está praticamente abandonada pelas políticas públicas: escolas em situação precária, professores sem preparo para entrar em uma escola do campo, números alarmantes quando se fala em abandono escolar; enfim, muitos são os problemas enfrentados pela Educação do Campo no momento atual. Sem dúvida, a situação é crítica, mas pequenas mudanças vêm acontecendo. Esse avanço nos permite pensar que muito ainda pode ser feito com vistas à melhoria dessa modalidade de ensino.

3 O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DO CAMPO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

De acordo com Caldart (2012), a Educação do Campo indica um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visam lutar por políticas de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas, que tem como objetivo as questões do trabalho, da

cultura, do conhecimento e das lutas sociais desses sujeitos do campo por melhores concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana.

A maneira como foi implantado o desenvolvimento no meio rural brasileiro foi tão excludente, que marca até hoje o exemplo de educação adotado no Brasil. A escola brasileira, de 1500 até o início do século XX, serviu e serve para atender as elites, sendo fechada para grande parte da população rural. Para as elites do Brasil agrário, os grupos subordinados, tais como as mulheres, indígenas, negros(as) e trabalhadores(as) rurais, não precisavam aprender a ler e escrever, pois para desenvolver o trabalho agrícola o letramento era dispensável.

De acordo com Munarin (2011, p. 28),

Diferentes autores, ao definir Educação do Campo, tomam como referências a serem negadas as políticas de educação rural empreendidas por sucessivos governos brasileiros desde a Revolução Burguesa de 1930. Apontadas como iniciativas do Estado brasileiro coerentes com um projeto de desenvolvimento capitalista urbano-industrial, essas iniciativas são entendidas como contrárias e excludentes aos interesses dos povos do campo. Inscrevo-me entre os que assim percebem a história da educação rural, acrescentando que não se trata apenas da exclusão dos interesses de povos determinados, mas da afirmação da hegemonia de uma classe social com um projeto de desenvolvimento predatório em diversos sentidos: econômico, social, cultural, ambiental. Assim, situada em contexto amplo, a luta por uma Educação do Campo ganha significado também amplo, mas que considera, antes de tudo, a luta por cidadania para povos específicos que têm permanecido à margem de qualquer processo de desenvolvimento humano.

A história do Brasil mostra-nos que, embora o país, em sua origem, fosse de modo eminente agrário, a Educação do Campo não foi sequer mencionada nos textos constitucionais até 1891, evidenciando o descaso junto a essa sociedade já tão abandonada. Esse cenário condicionou a história da educação escolar brasileira e deixou como herança um quadro de precariedade no funcionamento da escola do campo em relação aos elementos humanos disponíveis para o trabalho pedagógico, a infraestrutura e os espaços físicos inadequados, as escolas mal distribuídas geograficamente, a falta de condições de trabalho, salários defasados, ausência de formação inicial e continuada adequada ao exercício docente no campo e uma organização curricular descontextualizada da vida dos povos do campo.

Embora os problemas da educação não estejam localizados apenas no meio rural, nessa a situação é mais grave, pois, além de não considerar a realidade socio-

ambiental onde cada escola está inserida, essa foi tratada metodicamente, pelo poder público, como resquício, com políticas compensatórias. Muitas vezes, foi aprovado o discurso da cidadania e, portanto, de uma vida digna reduzida aos limites geográficos e culturais da cidade, negando o campo como espaço de vida e de constituição de sujeitos cidadãos.

Ao romper a década de 1950, consolidou-se a gestação de um discurso urbanizador que destaca a fusão entre os dois espaços, urbano e rural, por acreditar que o desenvolvimento industrial, em curso no Brasil, faria desaparecer dentro de algumas décadas a sociedade rural, ou seja, o campo não seria mantido por ser uma divisão sociocultural a ser superada e não mantida (ABRAÃO, 1986).

Uma nova redefinição do pensamento educacional será apresentada pelo golpe de 1964, que com o fechamento dos canais de participação e representação impõe limites e controle aos segmentos populares e aos bens educacionais e sociais. Educadores comprometidos e lideranças são perseguidos e exilados, as universidades sofrem intervenções e os movimentos populares e sindicais são desarticulados. Contudo o analfabetismo continuava a desafiar as elites dominantes que achavam que o Brasil tinha que se tornar uma potência no cenário internacional. Para tanto, organizaram durante esse período várias campanhas de alfabetização com o intuito de colocar o país no rumo do desenvolvimento.

De acordo com Munarin et al. (2011), é válido lembrar que a educação para a população do meio rural nunca proporcionou políticas específicas. O atendimento à educação foi oferecida através de campanhas, projetos e políticas compensatórias, sem levar em conta as formas de viver e conviver dos povos do campo, que ao longo da história foram excluídos enquanto sujeitos do processo educativo.

Um importante sinal já dado pela LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96 (BRASIL, 1996) – e fortalecido com outra importante conquista recente para o conjunto das organizações de trabalhadores e trabalhadoras do campo, no âmbito da luta por políticas públicas, foi a aprovação das “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Parecer nº 36/2001 (BRASIL, 2001) e Resolução 1/2002 (BRASIL, 2002) do Conselho Nacional de Educação). Esse instrumento de luta, junto às ações de diversos movimentos sociais e sindicais do campo, vem pressionando sua inclusão na agenda de alguns governos municipais, estaduais e também na esfera do governo federal.

Posteriormente à aprovação dessas Diretrizes Operacionais nas escolas do campo vem se desencadeando um processo de mobilização e envolvimento social, na busca de fortalecer a construção de políticas públicas que garantam o acesso e a permanência à educação de qualidade para os povos do campo.

Percebemos que a Educação do Campo tem conquistado lugar na política nas diversas instâncias, sejam elas municipal, estadual e federal, nos últimos anos. Para uma comprovação do processo pedagógico que os Movimentos Sociais do Campo vivem, priorizando gestos concretos, mobilizações, bandeiras de luta, propostas de um Brasil Popular e Democrático e de um desenvolvimento campo. Proporcionando aos poucos referenciais indispensáveis para que, de fato, possa acontecer a tão sonhada educação básica do campo.

Nas concepções de educação, principalmente voltadas para o campo, Santos (2013) aborda a inércia do poder público para garantir políticas educacionais adequadas às realidades vivenciadas no campo. Questiona-se a desvalorização da educação como princípio básico da formação do cidadão, pois no terreno concreto da educação assumir e legitimar a consciência dos povos do campo à educação pode significar que se reconheça, valorize e incorpore em políticas públicas o pensar e fazer dos movimentos sociais nos tratos da educação, da gestão das escolas, na reorganização curricular, na produção de material, na formação de profissionais, na EJA, na alfabetização, no alargamento da concepção do direito à educação e formação. As políticas públicas entrarão na contramão se ignorarem o pensar e o fazer dos movimentos na garantia do direito. Podemos dizer que alguns passos já foram dados, já que a defesa por uma educação no campo é apontada desde a Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, em relação à formação dos educadores que atuam no campo.

A escola tem que se preparar para atender essas crianças/jovens e proporcionar atividades relacionadas ao mundo em que elas vivem, fazendo com que as mesmas queiram continuar no campo e levando novas experiências para suas famílias. Buscando sempre unir o progresso e as experiências do povo do campo.

Cada vez mais, temos convicção de que são necessárias mudanças em toda a educação brasileira, mas principalmente na Educação do Campo, que urgentemente necessita de amparo para que ela consiga manter esses sujeitos no campo, e não o contrário: que esses jovens queiram sair da sua terra à procura de empregos nas cidades, onde não são capacitados e acabam com empregos ou salários baixos.

Uma das grandes dificuldades na Educação do Campo está em vincular o cotidiano do aluno com os conteúdos a serem dados na escola. Esse problema se evidencia em todas as matérias do currículo, inclusive e principalmente na Matemática. Podemos ressaltar que uma grande parte de conceitos pode ser aprendida em atividades práticas, sem necessariamente haver contribuição da escola. Podemos citar vários exemplos, como um agricultor saber calcular quanto de semente de soja precisa para plantar certa quantidade de hectares de terra ou quanto precisa de alimentos para engordar certo rebanho de gado. No Brasil, são ainda muito comuns histórias de pessoas que atingiram a idade adulta sem obter um diploma escolar, mas que mesmo assim aprenderam suas profissões pelo convívio com outros trabalhadores.

No entanto, na contemporaneidade, mesmo no meio rural se exige que os sujeitos trabalhem com informações escritas, decifrem símbolos gráficos, realizem cálculos, entre outras atividades. Nessa perspectiva, precisamos estar preparados para trabalhar com essas crianças/jovens de modo que eles adquiram novos conhecimentos, relacionando-os com os conhecimentos que já trazem de suas vivências no campo.

Conforme Soares (2010), além de atividades diárias e do campo profissional, conhecimentos matemáticos são muito importantes também no âmbito rural. Decisões racionais têm de ser tomadas a todo momento de maneira que os recursos gerados sejam aplicados de forma correta e justa. Muitos elementos têm de ser considerados nessas avaliações, e vários deles exigem conhecimentos matemáticos para ser melhor compreendidos.

Ainda de acordo com Soares (2010), a Matemática é bastante valorizada. Está presente em todos os currículos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, nos exames de aprovação da universidade, naqueles de admissão de emprego, para quem tem seu próprio empreendimento no campo, como já foi citado, e em muitos outros lugares. É vista como disciplina básica na escola e como conhecimento indispensável para a realização de várias atividades próprias dos sistemas produtivos. No entanto, o que ensinamos na escola não tem como referência apenas a formação para a cidadania ou a preparação para o trabalho.

O sistema escolar é então estruturado conforme as demandas de conhecimento, que permitiriam obter uma qualidade razoável nas sociedades modernas, incluindo o exercício da cidadania e a preparação para uma boa formação profissional.

Quando analisamos as dificuldades enfrentadas pelos professores da escola do campo, podemos iniciar pelos cursos de Licenciatura, que buscam formar professores especificamente para a Educação do Campo. Devemos examinar, sobretudo, o fato desses cursos não se implantarem numa mesma proporção que as necessidades impostas pela realidade. Sendo assim, a grande maioria dos professores que trabalham nessas escolas não tem em sua formação um contato maior com essa modalidade de ensino. Além de não possuir uma formação específica, esse professor ainda se depara com outro fator que reforça sua condição: grande parte desses vive fora do meio rural e, por esse motivo, encontra dificuldades para reconhecer a realidade de seus alunos e o contexto em que eles estão inseridos; o que inevitavelmente implica a sua dificuldade em trabalhar o conteúdo de forma articulada com os conhecimentos do aluno. Porém não vamos aqui nos deter na determinação das dificuldades enfrentadas pelos professores nessa modalidade de ensino, que sabemos existir, assim como também acontece nas demais modalidades.

As políticas para a Educação do Campo são relativamente recentes, o que pode levar a alguns questionamentos: Como os professores adaptaram suas aulas às novas diretrizes agora específicas para o público-alvo em questão? O que esses professores conhecem da realidade dos alunos com os quais trabalham? Como fizeram para adquirir os conhecimentos necessários para o trabalho específico da Matemática nesse contexto? Como acontece a articulação desses conhecimentos no desenvolvimento dos conteúdos e das aulas de Matemática? O objetivo aqui traçado não é simplesmente elencar os conhecimentos matemáticos dos indivíduos residentes no campo, pois vários estudos como esse já foram realizados em diferentes contextos sociais e, especificamente, no contexto do campo.

Fazendo a análise dos PCNs³ (2002), podemos ver que a Matemática não deve ser vista apenas como pré-requisito para estudos posteriores. É preciso que o ensino da disciplina esteja voltado à formação do cidadão, que utiliza cada vez mais conceitos matemáticos em sua rotina. Ao acompanhar uma pesquisa eleitoral, calcular o salário, escolher um tapete para a sala, utilizar um computador ou até mesmo ao comprar pães numa padaria, as pessoas aplicam conceitos numéricos, fazem operações, calculam medidas e utilizam raciocínios lógicos.

São habilidades que devem ser adquiridas já nas primeiras séries escolares. Por estar tão presente no cotidiano, a Matemática dá ao professor a chance de desafiar seus alunos a encontrar soluções para questões que enfrentam na vida diária. Apresentar conceitos que exigem “decoreba” é a maneira menos eficaz de ensinar a disciplina.

Algumas perguntas têm sido constantemente feitas: Afinal, o que trazem de novo os PCN’s da Matemática? Em que aspectos diferem do que estamos trabalhando? Alteram-se os conteúdos apenas? Muda-se a ordem em que são trabalhados? Vale a pena mudar nosso modo de ensinar quando não estamos seguros (as) de como fazê-lo? Por onde começar a mudar?

As ideias básicas contidas nos PCN’s da Matemática refletem muito mais do que uma mera mudança de conteúdos. Refletem uma mudança de filosofia de ensino e de aprendizagem, como não poderia deixar de ser. Apontam para a necessidade de mudanças urgentes não só no que ensinar, mas principalmente em como ensinar e avaliar e em como organizar as situações de ensino e de aprendizagem.

O papel da Matemática no Ensino Fundamental como meio facilitador para a estruturação e o desenvolvimento do pensamento do aluno e para a formação básica de sua cidadania é destacado quando se afirma que

[...] é importante que a Matemática desempenhe, equilibrada e indissociavelmente, seu papel na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo do aluno, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana e atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares (BRASIL, 1996, p. 25).

Discorrer sobre a formação básica para a cidadania significa examinar a inserção das pessoas no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura no âmbito da sociedade brasileira. Ao referir-se à pluralidade das etnias existentes no Brasil, à diversidade e à riqueza do conhecimento matemático que nosso aluno já traz para a sala de aula, enfatiza-se nos PCN’s que o ensino da Matemática, a par da valorização da pluralidade socio-cultural do educando, pode colaborar para a transcendência do seu espaço social e para sua participação ativa na transformação do seu meio.

³ Parâmetros Curriculares Nacionais.

Já quando se aborda a Educação do Campo, essa formação de cidadão tem que ser bem trabalhada para que esse aluno tenha certeza do que quer para o futuro, principalmente incentivando e dando o amparo para que ele tenha condições de estudar e continuar nesse espaço. Para isso, é necessário ter professores preparados, que estimulem os alunos através de aulas atrativas, dinâmicas, sempre buscando relacionar os conteúdos com a realidade desse aluno.

O currículo, além dos programas oficiais, está consolidado em materiais didáticos que dão sustentação ao que efetivamente deve ser trabalhado nas escolas. A maioria das escolas não segue esses currículos que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Muitos professores não têm uma formação adequada para a atuação na escola do campo. Isso se deve, em muitos casos, à não procura por estudos para poder trabalhar diante dessa realidade. Em decorrência disso, os professores acabam por não dar uma aula que faça sentido para os estudantes do meio rural. Muitos professores, por considerar o programa de ensino muito extenso devido à falta de tempo, acabam por não fazer essa ligação entre o conteúdo e a vida no campo.

Além de não conseguir relacionar o conteúdo com a vida rural, outro desafio está ligado diretamente às novas tecnologias. É necessário que o professor relacione a realidade aos conteúdos com dinamismo e criatividade, de forma a estimular o aluno a enfrentar novas situações. Com isso percebemos que associar as novas tecnologias à sala de aula será expressiva para que a Matemática não seja vista só como uma disciplina escolar, mas como uma necessidade do cotidiano que pode ser usada em todos os aspectos de nossa vida.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa qualitativa baseou-se num estudo de cunho bibliográfico. Utilizamos, além de livros, questionários, entrevistas, imagens e visitas às escolas do campo, podendo assim ter mais contato com a realidade das escolas do campo. Elaboramos um questionário para ser aplicado a professores da rede pública do município de Quinze de Novembro/RS. Escolhemos duas escolas do campo localizadas nesse município devido ao fato dessas instituições serem as que mais se identificam com a temática da nossa pesquisa.

Três professoras dispuseram-se a colaborar com a pesquisa, tendo em vista que na área rural de Quinze de Novembro, por ser um município pequeno, só existem essas professoras na área da Matemática que trabalham na Educação do Campo.

A primeira professora, que é casada e reside no município, tem oito anos de docência, sendo seis anos como professora em escola do campo, e sempre atuou no ensino da Matemática. Vamos denominá-la de Ana⁴, devido à necessidade de não expor a sua identidade.

A segunda colaboradora foi a professora que vamos designar Jane, que é casada e reside no município, tem dezessete anos de docência. Ela afirmou que sempre atuou como professora de Matemática na escola do campo.

A terceira professora, denominada Maria, é casada e também reside no município, tem vinte anos de docência e atua vinte anos na escola do campo, sendo que está lecionando há dezenove anos e meio como professora de Matemática.

O questionário respondido pelas professoras era composto de quatro partes, a saber: Dados de Identificação, Dados de Infraestrutura, Ensino e Observações/Comentários.

Nos Dados de Identificação foram questionados elementos, tais como: naturalidade, sexo, estado civil, quanto tempo atua na docência, quanto tempo atua na escola do campo e quanto tempo atua no ensino da Matemática. Essas questões tiveram como finalidade identificar e conhecer melhor as pessoas que aceitaram colaborar para este trabalho, bem como compreender muitas vezes o porquê de diferenças e semelhanças no modo de perceber o ensino de Matemática na escola do campo. Na segunda parte, destinada à infraestrutura, questionamos como as professoras descreviam a escola onde atuavam, destacando elementos como espaço físico, instalações, número de salas, equipamentos, etc. Além disso, foram também questionadas em relação aos recursos humanos. Indagamos as colaboradoras sobre como avaliavam as suas escolas com base em elementos como número de professores, número de funcionários, etc.

Em linhas gerais, perguntamos às professoras como era a comunidade na qual sua escola estava inserida. Com essas questões tentamos compreender como estavam suas instalações, se eram adequadas para os

⁴ Salientamos que todas as professoras colaboradoras desta pesquisa receberam pseudônimos com o objetivo de preservar as suas identidades e deixá-las com mais liberdade para expressar suas ideias e percepções sobre o ensino de Matemática nas escolas do campo.

alunos do meio rural, se as escolas tinham acesso à internet, bibliotecas, espaço adequado para atividades escolares, bem como atividades físicas e demais recursos necessários para que professores e alunos possam realizar suas atividades escolares. Se o número de professores e funcionários era suficiente para determinada escola e se a comunidade era participativa.

Na terceira parte, destinada ao ensino, foram feitas as seguintes perguntas: Quais as dificuldades de dar aula nas escolas do campo? Na(s) escola(s) que você atua todos os alunos são oriundos do meio rural? Como você descreve seus alunos da escola do campo? Que recursos você se utiliza para trabalhar os conteúdos matemáticos com seus alunos da escola do campo? Qual o papel do professor de Matemática na escola do campo? Quais os principais desafios da Educação do Campo? Quais as dificuldades para ensinar Matemática na escola do campo? Quais as possibilidades de ensinar Matemática na escola do campo e se existe diferença entre ensinar Matemática na escola do campo e na escola urbana?

Nas questões referentes ao ensino, destacamos a necessidade de entender as dificuldades que os professores enfrentam nas escolas do meio rural, bem como diferenciar os alunos camponeses dos alunos das escolas urbanas. Analisar os principais desafios da Educação do Campo, se os professores trabalham de maneira diferente os conteúdos de Matemática na escola do campo e o que surge de possibilidades em trabalhar esses conteúdos na escola não urbana. Também examinar se existe diferença entre ensinar Matemática nas instituições rurais e urbanas e de que forma está ocorrendo.

E, por fim, deixamos um espaço para os professores colocarem suas observações sobre o assunto, questões que na opinião das colaboradoras fosse interessante de ressaltar e/ou algum comentário que julgassem pertinentes. Na sequência serão apresentadas as análises dos questionários respondidos por nossas colaboradoras, buscando compreender quais as concepções das professoras sobre a Educação do Campo.

5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINAR MATEMÁTICA NA ESCOLA DO CAMPO: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Neste capítulo foram feitas as análises dos questionários, tendo como suporte a perspectiva de autores que abordam o assunto. Dessa maneira, tentamos iden-

tificar e entender a realidade das escolas do campo. Além disso, buscamos analisar as questões respondidas pelos professores e, a partir delas, procuramos entender os desafios enfrentados pelos professores de Matemática nas escolas do meio rural.

Cabe destacar que as professoras que responderam nosso questionário lecionavam em escolas do interior do município de Quinze de Novembro/RS, cidade essa localizada na Microrregião Triticulora de Cruz Alta e situada na Região colonial do Alto Jacuí do Estado do Rio Grande do Sul. A população do município é de 3.653 habitantes, sendo que 1.692 são habitantes do meio rural⁵.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria da Educação do Município, existiam mais de dez escolas no meio rural em Quinze de Novembro num passado bem recente, sendo que somente quatro escolas do campo ainda estão com suas portas abertas. Essas instituições apresentam realidades bem diferentes. Uma delas teve suas dependências transferidas para a cidade, para um prédio novo, com ótima infraestrutura, onde todos os alunos vêm de transporte público. Ainda se constitui em uma escola do campo, mas sabemos que com o decorrer do tempo essa escola perderá suas características de uma escola do meio rural, devido a muitos alunos do meio urbano frequentarem a mesma escola que os alunos do interior.

A segunda escola é bem estruturada, várias salas de aulas, secretaria, sala da direção, biblioteca, cozinha e refeitório, quadra de esportes e uma ótima localização, tendo asfalto até a porta da escola e professores para cada série. A terceira escola está mal localizada, sendo que para chegar a professora enfrenta em torno de três quilômetros de estrada de chão batido em péssimas condições. A escola tem uma única sala de aula, onde atende todas as turmas juntas com uma infraestrutura comprometida. A quarta escola também se encontra em uma situação bem precária: com uma única sala de aula, uma única professora, infraestrutura em péssimas condições, sem ter uma biblioteca e muitos outros problemas enfrentados pela Educação do Campo.

Ao conversar com a secretária de Educação do município, ficou claro que somente a escola que se encontra com suas dependências na cidade ficará aberta, pois as outras, devido à pequena quantidade de alunos, falta de investimentos e muitos outros problemas, fecharão as portas nos próximos anos. E se não fecharam ain-

⁵ Cabe destacar que esses dados foram obtidos junto à Prefeitura de Quinze de Novembro, na Secretaria da Educação do referido município.

da é devido às comunidades lutarem para mantê-las funcionando. Nessa perspectiva, muito em breve as escolas do campo no município de Quinze de Novembro vão deixar de existir.

Ao relatar as suas experiências nas instituições rurais, as professoras colaboradoras dessa pesquisa descreveram um pouco de suas vivências, de suas práticas, de seus entendimentos de mundo, de sociedade, sobretudo suas concepções de educação no campo.

Quanto à infraestrutura da escola do meio rural, ao contrário de muitas escolas do país, as professoras relataram que o espaço físico, as instalações, o número de salas são suficientes pela quantidade de alunos. A professora Ana mencionou a falta de uma área coberta para práticas físicas e acesso à internet como uma dificuldade enfrentada.

Quando questionadas sobre os recursos humanos, as colaboradoras avaliaram como suficiente o quadro de funcionários e professores. A professora Maria salientou que “alguns meses atrás havia menos professores, pois as séries finais do Ensino Fundamental eram multisseriadas”. A professora Ana salientou que a prefeitura oferta ainda um professor de Educação Física e uma psicopedagoga institucional para acompanhar os alunos que possuem necessidades conforme o quadro clínico.

Ao analisar as respostas das professoras referentes à infraestrutura e recursos humanos, percebemos que, ao contrário de muitas escolas do campo espalhadas pelo Brasil (MUNARIN, 2011), essas escolas do município de Quinze de Novembro encontram-se em boas condições em relação à precariedade das escolas do campo no Brasil, porém, mesmo assim, as condições das escolas de Quinze de Novembro não são satisfatórias.

Ao contrário da situação das escolas do município de Quinze de Novembro, a Educação no Campo, em muitos lugares neste país, está abandonada, com escolas em situações precárias, com falta de infraestrutura e falta de recursos humanos. Esse abandono impossibilita o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, questionamos o papel das políticas públicas nesse cenário.

Complementando essa análise, temos o relato da professora Ana quando questionado: Qual é o papel da comunidade na escola? Para ela, “[...] a escola ainda não foi fechada graças ao desprendimento da mesma”. Na concepção da professora, se dependesse das políti-

cas públicas, a escola em que ela atua, como muitas outras, já estariam fechadas.

O fechamento de uma escola do campo gera uma série de problemas, entre eles: as dificuldades das crianças e adolescentes em se deslocar para a cidade e, muitas vezes, o abandono do meio rural.

A professora Ana cita algumas das dificuldades enfrentadas nas instituições do meio rural, como a distância e o deslocamento. Realizar uma prática de ensino diversificada, como uma viagem, por exemplo, gera muitos transtornos. “Trazer alguém (um especialista) é uma maratona.” Em contrapartida, temos a resposta da professora Jane que trabalha em três⁶ escolas diferentes, com públicos diferentes, oriundos do campo e da cidade; na escola localizada no interior do município, todos os alunos são do meio rural; ela não vê dificuldade em trabalhar nessa escola devido aos alunos serem bastante receptivos.

A professora Maria colocou que “também não vê dificuldades, pois as turmas são pequenas e os alunos na maioria são interessados e fazem as atividades escolares”. Ela ainda cita que existem alguns alunos que têm dificuldade de aprendizagem, “principalmente em Matemática, onde faltam pré-requisitos”, mas entendemos que esses alunos são encontrados em todos os ambientes escolares.

Ao descrever os alunos do campo, a professora Ana ressalta: “são iguais aos da cidade, porque atualmente eles têm os mesmos acessos à televisão, internet, sky, rádio e muitos outros. A diferença é que são mais criativos e brincam muito mais ao ar livre do que os da cidade, e claro, têm outras áreas de interesse”. A professora Jane reforça essa ideia afirmando que os alunos demonstram bastante interesse. Fica claro, não é porque são alunos do campo que não vão querer estudar; pelo contrário, querem aprender e muitas vezes é uma necessidade. Segundo a professora Ana, uma aluna do primeiro ano precisava aprender o “dinheiro” para ajudar sua mãe nas compras, pois a mesma era analfabeta e deficiente auditiva.

No que tange ao trabalho com os conteúdos matemáticos dentro da sala de aula, numa escola do meio rural a professora Jane coloca que utiliza vários livros didáticos, jogos matemáticos e internet como meio de pesquisa, nada diferente de uma aula na escola da área urbana. A professora Ana diz que trabalha o mais con-

⁶ Três escolas: uma escola do campo localizada no interior do município, outra escola do campo localizada na cidade e uma terceira escola urbana.

creto e real possível, com material dourado, trabalha medidas de capacidade com a realização de receitas na cozinha da escola, blocos lógicos, problemas que englobam o campo como hectares, produção leiteira, agrícola, insumos, gado e muito mais. Trabalha as operações matemáticas com copos, tampinhas, feijões e grades de ovos. A professora Ana mostra-nos que a Matemática pode ser muito divertida de se estudar e interessante.

Constata-se, assim, que o cotidiano do aluno tem de ser alicerce no processo ensino-aprendizagem. O papel do professor de Matemática nas instituições rurais tem que ser muito mais do que ensinar a calcular contas. A professora Ana coloca-nos que devemos “levar os alunos a aprender calcular e a resolver questões problemáticas de modo que utilizem o raciocínio lógico para resolver questões do dia a dia”. A mesma professora “acredita que, antes de ensinar conteúdos, seja necessário ensinar para a vida”.

Os desafios da escola do campo vão muito além de estruturas físicas; a professora Ana coloca “ela está fadada a fechar suas portas, porque as pessoas estão abandonando o campo”. Muitas vezes por falta de incentivo por parte do governo para permanecer no campo ou para poder ofertar estudos aos seus filhos, já que as escolas do campo na maioria das vezes têm só o Ensino Fundamental, e para aqueles alunos que querem continuar seus estudos, não há outra maneira a não ser abandonar o campo à procura de estudos. Ou, sem ter opção, o sujeito que quer continuar no campo tem que abandonar os estudos. Uma situação preocupante, que nos mostra dados alarmantes.

A formação do professor é muito importante para a Educação do Campo: um professor que está pronto para enfrentar uma diferente maneira de ensinar, que vai ao encontro desse sujeito do campo, que tem um cotidiano totalmente diferente que a maioria dos professores está acostumada a vivenciar. Mas é claro que com ou sem formação específica vai depender do interesse dos professores buscarem interagir com essa nova realidade que lhes é proposta. De acordo com Arroyo: “Como ser educadora e educador, administrador, pedagogo ou professor do campo sem um estudo dessa tensa história? O conhecimento dessa história terá de fazer parte da formação de educadores do campo” (ARROYO, 2007, p. 168).

A professora Jane, ao relatar sobre os desafios da escola do campo, ressalta que sua maior dificuldade está em relacionar os conteúdos com a realidade dos alunos, devido à sua realidade ser totalmente diferente a desses

sujeitos do campo. Nesse sentido, a professora Maria coloca que é necessário despertar o interesse dos alunos pela Matemática que está presente em tudo ao nosso redor e que “o papel do professor é trazer atividades que despertem o interesse do aluno pela Matemática e trazer essa disciplina para a realidade do aluno, fazendo com que ele adquira novos conhecimentos”.

Quando se questionou as professoras sobre as dificuldades de ensinar Matemática na escola do meio rural, a professora Jane coloca: “Não sinto dificuldade em ensinar Matemática na escola do campo e sim facilidade, pois os alunos demonstram mais interesse em querer aprender”. Ao analisarmos a resposta dessa professora, imaginamos as realidades diferentes que ela enfrenta, ao trabalhar em três escolas diferentes, sendo uma apenas localizada no interior do município. Ela nos coloca que a diferença está na quantidade de alunos que é bem menor do que na escola urbana, tornando-se bem mais fácil de trabalhar. Podemos pensar numa diferença entre uma sala com trinta e cinco alunos e outra com sete a dez alunos. Como um professor pode atender todas as dúvidas de trinta e cinco alunos? É óbvio que não vai atender a necessidade de todos. Já numa escola do campo, onde esse número de alunos cai para menos de um terço, além da professora conseguir dar atenção a todos, consegue fazer uma aula diferente.

Sobre as dificuldades de ensinar Matemática na escola do meio rural a professora Ana coloca: “O material didático distribuído pelo MEC (digo especificamente os livros) não condiz com a realidade do Rio Grande do Sul. São muito aquém das potencialidades de nossos alunos. As atividades não levam à reflexão, são muito tolas [...]”. Ela faz uma indagação: “Por que os livros do campo devem ser tão diferentes dos distribuídos para alunos da zona urbana? Será que os campesinos aprendem menos? Ou é viável que aprendam assim? Qual é a real intenção política por trás desse intento pedagógico?” Faz-se necessário que esse sujeito seja adaptado à sociedade, que ele não questione, que não aprenda mais do que se faz necessário. A mesma professora ainda coloca: “Os professores do campo não usam esse material e estão pegando empréstimos das bibliotecas de outras escolas ou usando materiais de outros anos”.

Quando perguntamos às professoras sobre as possibilidades de ensinar Matemática na escola do campo, as respostas foram bem diferentes. A professora Ana coloca questões bem pontuais sobre o ensino da Matemática na escola do campo, salientando que consegue trabalhar várias questões que estão presentes no dia a dia dos alunos.

A professora Ana ainda coloca que, por ser uma “escola pequena, todos os equipamentos, jogos e salas estão sempre à disposição”, mostrando-nos que existem algumas vantagens em lecionar nas escolas do campo.

Para a mesma professora, “o que faz a diferença são os professores com seu planejamento”. Concordamos com a colaboradora, pois é o professor que está diretamente envolvido com a realidade desses alunos; e claro, a sua motivação vai fazer a diferença. Sabemos que um professor que tem uma formação específica para dar aula no campo terá mais facilidade em trabalhar certos conteúdos, mas não basta somente uma formação adequada. Dependem de uma equipe bem estruturada, onde todos se envolvem com a escola do meio rural.

A professora Jane cita que se deve “considerar o conhecimento matemático trazido pelo aluno e permitir sua ampliação, estabelecendo relações entre os diferentes saberes dos alunos e do professor, de forma que o aluno possa superar seu conhecimento imediato sobre o mundo pelos conhecimentos matemáticos historicamente construídos pelo homem”. Essa realidade vai além da escola do campo; deve ser levada para todo o âmbito escolar.

A professora Maria coloca como observação que ela “acredita que na Matemática, assim como em outras disciplinas, o aluno deve entender o que está fazendo e por que e saber relacionar o que está aprendendo com o seu dia a dia, mas, em alguns casos, para aprender é preciso repetir exercícios e memorizar regras, que na Matemática são necessárias”. Com certeza, a observação da professora Maria é extremamente pertinente. Entendemos a necessidade de fazer aulas diferentes, mas no ensino da Matemática é primordial que se façam muitas atividades, e muitas vezes repetitivas, para que o aluno consiga memorizar e aprender.

Enfim, não tem como dar aula de Matemática sem cobrar esses tipos de atividades. Independente da disciplina, não se consegue ensinar e nem se aprende somente através de brincadeiras. Acreditamos que as aulas precisam aliar momentos de um ensino tradicional com aulas mais criativas, desenvolvidas através de atividades diferenciadas. O professor deve estar preparado para as mudanças que acontecem no âmbito escolar, sabendo trabalhar com dedicação e comprometimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dos estágios supervisionados na modalidade de Educação do Campo proporcionou a vivência de algumas das muitas dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos na escola do meio rural.

A realidade vista demonstrou as más condições da escola e a falta de recursos.

É muito importante trazer o dia a dia do aluno para a sala de aula, tendo em vista que é a partir dessas práticas que o aluno consegue relacionar os conhecimentos que já traz em sua “bagagem” com os novos conteúdos. Essa percepção do ensino requer do professor o interesse em conhecer tanto a realidade do meio rural como a realidade dos alunos.

Sabemos que a realidade das escolas do meio rural é muito difícil, mas julgamos que, se cada um fizer a sua parte, podemos transformar a escola em um espaço de muita aprendizagem. Espaço esse em que os alunos tenham vontade de estudar, onde possam buscar o conhecimento, levando esse aprendizado para casa, como um ciclo vicioso que possa repassar conhecimentos aos seus pais e, por conseguinte, incentivem seus filhos a prosseguir nos seus estudos.

Conforme afirmamos anteriormente, de acordo com dados fornecidos pela Secretaria da Educação do Município, existiam mais de dez escolas no meio rural. O fechamento dessas escolas deu-se pelo número pequeno de alunos que frequentavam essas escolas. Segundo informações obtidas junto à Secretaria da Educação de Quinze de Novembro, seria muito caro manter essas escolas abertas, e por esse motivo elas foram sendo fechadas uma a uma. De acordo com as respostas dos professores colaboradores, as escolas do campo em que atuam ainda não fecharam devido ao engajamento da comunidade. Em muito pouco tempo, não teremos escolas no meio rural no município de Quinze de Novembro, pois para os órgãos públicos se torna mais caro manter uma escola aberta no interior do que fornecer transporte público e levar esses alunos para a cidade, mesmo sendo um município predominantemente agrícola.

Para entender melhor a realidade das escolas colaboradoras foram feitas visitas às quatro escolas do campo do município. Foram vistas realidades bem diferentes: uma escola bem estruturada, com uma ótima infraestrutura, como as professoras Jane e Maria nos relataram; outra, ao contrário do que a professora Ana contou, em uma situação bem precária: uma única professora para várias turmas que estudam juntas, uma única funcionária e uma única sala de aula. Sabemos o amor que a professora Ana tem por sua escola, mas a realidade é muito difícil. A terceira escola teve suas dependências transferidas para a cidade, para um prédio novo, com ótima infraestrutura, onde todos os alunos vêm de transporte público. A quarta escola encontra-se em

situações precárias, com infraestrutura comprometida, com apenas uma sala e sem biblioteca.

As dificuldades são inúmeras, a professora precisa desdobrar-se para poder atender todas as turmas ao mesmo tempo, muitas vezes não dá conta de todas, pois cada turma exige conteúdos diferentes, e quando surgem dúvidas, são educandos de séries diversas com dúvidas distintas e a professora é única.

Defendemos a construção de uma escola que esteja de acordo com a realidade dos educandos oriundos do âmbito rural. Não é interessante a cópia de modelos importados, de escolas que não contribuem para a compreensão dessa realidade. Precisamos construir um projeto que vincule a educação às questões sociais inerentes à sua realidade. Um projeto que sobretudo considere o sujeito social. É de fundamental importância que se fortaleça a identidade da escola do meio rural, baseada na realidade e na história do campo. Que se considerem os saberes próprios dos estudantes, da memória coletiva das pessoas, nos movimentos sociais sindicais que defendem projetos de qualidade social de vida coletiva.

Acreditamos que seja de extrema importância para a formação docente poder aprofundar essa discussão sobre uma educação que foi e ainda está abandonada. É preciso rever maneiras de conseguir melhorar a Educação do Campo, fazendo com que os filhos dessa terra não abandonem o campo, tenham condições de prosseguir seus estudos pensando no futuro e em melhorar sua vida no meio rural.

Ao analisar as pesquisas feitas referentes à Educação do Campo, podemos concluir que a educação no meio rural, apesar do momento ser crítico, não é uma característica apenas do momento atual; a precariedade já há muito tempo vem fazendo parte das escolas do campo. São escolas abandonadas devido à falta de políticas públicas adequadas à realidade do meio rural, sendo que muitas escolas se encontram fechadas.

Além dessa realidade nada favorável da Educação do Campo, observamos que o ensino da Matemática também enfrenta várias dificuldades, principalmente no que tange a uma formação adequada para os professores do campo, que precisam melhorar a sua maneira de explicar a Matemática, dando sentido aos conteúdos, levando em consideração questões do cotidiano para dentro da sala. A partir da análise dos questionários, podemos constatar que é possível dar sentido à Matemática e chamar a atenção do aluno.

Os desafios do ensino da Matemática na escola do campo estão diretamente pautados em conseguir relacionar o cotidiano do educando com a disciplina, uma

realidade enfrentada pela maioria dos professores das escolas do meio rural. O que podemos verificar nas escolas do município de Quinze de Novembro é a falta de preparo dos professores para atuar nessas escolas, muitos deles até se esforçam, mas o que se percebe são professores oriundos da cidade, sem conhecimento da realidade do educando. É indispensável que o professor faça um estudo profundo sobre a vida do campo, a realidade de cada educando e dessa maneira com conhecimento adquirido poder utilizar esses conhecimentos nas suas aulas, levando o cotidiano para dentro da sala de aula.

Sabemos que ensinar Matemática da maneira tradicional é necessário, mas é imprescindível que o professor conheça as condições socioculturais dos seus alunos não só para poder relacionar os conteúdos com o cotidiano, mas também para pensar em desenvolver projetos que envolvam a escola, a família e toda a comunidade. Projetos que não só ensinem conteúdos, mas que desenvolvam a sustentabilidade do meio rural.

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, José Carlos. *O Educador a caminho da roça*: notas introdutórias para uma conceituação da educação rural. Campo Grande: UFMS, 1986.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) do campo. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0101-32622007000200004&pid=S0101-32622007000200004&pdf_path=ccedes/v27n72/a04v2772.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 09 jun. 2015.
- _____. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm> Acesso em: 09 jun. 2015.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs**. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12598:publicacoes&Itemid=859>. Acesso em: 15 maio 2015.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13800&Itemid=>>. Acesso em: 09 jun. 2015.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº: 36/2001**. Diretrizes Operacionais para a

Educação Básica nas Escolas do Campo. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_parecer_36_de_04_de_dezembro_de_2001.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: _____. et al. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto Brandão. Educação do campo: um olhar histórico, uma realidade concreta com objetivo de entender a trajetória do campo. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 5, n. 9, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/1/413_546_publipg.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

HILÁRIO, Erivan. **Educação do campo: semiárido, agroecologia, trabalho e projeto político pedagógico**. Santa Maria da Boa Vista, PE, set. 2010. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo%20-%20Semi%C3%A1rido,%20Agroecologia,%20Trabalho%20e%20Projeto%20Pol%C3%ADtico%20Pedag%C3%B3gico%20-%20Prefeitura%20Municipal%20de%20Santa%20Maria%20da%20Boa%20Vista%20%E2%80%93%20PE,%202010.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KNIJNIK, Gelsa; WANDERER, Fernanda. “A vida deles é uma matemática”: regimes de verdade sobre a educação mate-

mática de adultos do campo. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 56-61, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6041>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

MEIRELLES, Elisa; SALLA, Fernanda. As escolas e o MST. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 274, ago. 2014. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/aberto-realidade-escolas-assentamentos-mst-794737.shtml#ad-image-0>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MOLINA Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de Abreu (Org.). Educação do campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2652/1824>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

MUNARIM, Antônio et al. (Org.). **Educação do campo: políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Educação e cultura: as escolas do campo em movimento. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 16, n. 11/12, p. 867-883, nov./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/educacao-e-cultura-as-escolas-do-campo-em-movimento/view>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

SANTOS, Cláudio Félix dos. **O “aprender a aprender” na formação de professores do campo**. Campinas: Autores Associados; Vitória da Conquista, BA: Edições UEBS, 2013.

SOARES, Eduardo Sarquis. **Ensinar matemática: desafios e possibilidades**. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2010.